

LIMA BARRETO E A PRIMEIRA REPÚBLICA : UMA LEITURA DA SÁTIRA NAS CRÔNICAS DE *OS BRUZUNDANGAS*.

Luciana Gomes Lima de Freitas
Fundação de Ensino Superior de Rio Verde -FESURV

As crônicas que formam a obra *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto, possuem uma verve satírica e irônica em maior ou menor grau de pertinência, de acordo com o tema explorado. O aspecto cômico empregado nos textos constitui um caso atípico na literatura brasileira do início do século passado, sobretudo pelo uso de uma linguagem inconstante, isenta quase que por completo dos excessos de recursos imagéticos expressivos complexos, e desprovida de um estilo definido.

A desvinculação dos padrões que regiam a literatura na época proporciona à sátira barretiana, no contexto das crônicas, um efeito comunicativo direto que foi capaz de bulir nos pontos nevralgicos das contradições sociais e políticas do Brasil da Primeira República. Assim, todas as crônicas, mesmo separadas em capítulos, admitem a leitura e análise em um plano geral, sem a necessidade de explicitar capítulo por capítulo, porque

a intenção, como o riso, não está na obra. A intenção está no autor e precede a obra; o riso está no leitor e sucede a obra. Mas o riso gera-se a partir da obra e a intenção pode explicitar-se a partir da obra¹.

O escopo crítico pode ser visto nas crônicas pelas técnicas de composição textual utilizadas pelo autor no intuito de estimular o riso ou de apelar ao sentimento do humor. O uso, por exemplo, da caricatura e da ironia na descrição da terra da *Bruzundanga* denota que se pretendia suscitar o riso. Por isso, deve-se ressaltar que a avaliação, com fim valorativo ou não, do grau de risibilidade em *Os Bruzundangas* interessa na medida em que há uma intenção cômica, de caráter satírico, com o fim de despertar o riso, que servirá como meio de

¹ CAMBOIM, José Afonso de. *Opacificação cômica da língua*, p.16.

efetuar a projeção de uma crítica direta e incisiva da realidade contemporânea do autor Lima Barreto.

Mesmo que em parte lesem a eficiência estética nas crônicas que formam *Os Bruzundangas*, o excesso de conteúdo histórico e o pessoalismo se constituem no bojo da obra como um esforço de conscientizar o leitor para a verdadeira realidade da época. Todavia, o fator definitivo nas crônicas barretianas é o seu valor artístico conseguido por meio de uma conjunção entre a crônica e a sátira, o que permitiu uma ampla interpretação crítica do momento.

O cômico é utilizado como instrumento de revelação das mazelas sociais e humanas na sua complexidade, no caso a da sociedade carioca da Primeira República. Segundo Bakhtin, o riso consiste em uma manifestação pré-revolucionária de contestação da ordem social vigente mantida pelo poder instituído, e a subversão pelo cômico exporia os vícios da sociedade com a intenção de apontar uma nova organização social².

Usar a sátira para revelar a superficialidade da sociedade que se formou na Primeira República foi um aspecto determinante e preciso na obra de Lima Barreto. Ao apontarem as gritantes transgressões das normas da ordem pública, social e política, as crônicas barretianas tornam-se uma contestação da realidade inadmissível e inaceitável para um sistema político que se diz democrático, como o fazia a Primeira República.

As crônicas barretianas perpassam, com muita acuidade, as fissuras da República expostas pela transgressão de certos ideais coletivos que se definiam como deficiências do novo regime. Todas as falhas captadas na República, que excluía a maior parcela da

² BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, p. 323.

sociedade, são exageradas pela caricatura ou pelo uso de uma ironia ferina em *Os Bruzundangas*. Assim, nas "revoluções sociais pode tornar-se cômico o que pertence irremediavelmente ao passado e não corresponde às novas normas criadas pela ordem ou regime social que venceu"³. A uma mudança de regime, como ocorreu na passagem para a República, deveria corresponder uma transformação não apenas social e política, mas também cultural. No Brasil, isso não se efetivou e, tendo percebido essa contradição, Lima Barreto inicia a sua crítica à República em *Os Bruzundangas* a partir da crítica à literatura, como se vê no capítulo especial "Os Samoiedas".

O capítulo especial sobre a Escola Samoieda e sua literatura é um dos mais interessantes e contundentes das crônicas que compõem *Os Bruzundangas*. A leitura que Lima Barreto faz da arte da terra bruzundanga, numa perceptível referência ao já desgastado e limitado Parnasianismo brasileiro, mostra que aquele "fechar-se na gaiola dourada dos quatorze versos e cultivar um descritivismo requintado ou um lirismo de curto fôlego" "representava (...) indício de pobreza cultural e de insensibilidade às angústias do próprio tempo"⁴.

Eu cheguei a entender perfeitamente a língua da Bruzundanga, isto é, a língua falada pela gente instruída e a escrita por muitos escritores que julguei excelentes: mas aquela em que escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca consegui entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros em outra muito diferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por perfeição antiga de dous séculos ou três séculos (BZ, 19).

³ PROPP, Wladimir. *Comicidade e Riso*, p. 61.

⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, p. 264.

O cômico já se apresenta na origem do nome *samoieda*, termo russo *samoed*, que significa aquele 'que come a si', 'canibal'. O samoieda é também "o natural ou habitante do extremo norte da Federação Russa (Eurásia), que habita as estepes confinantes com o Ártico, desde o mar Branco até o rio Ienissei, pertencente à família uralo -altaica"⁵. Pode-se perceber que o riso é despertado a partir do significado do nome da escola, que remete a frieza e isolamento ("estepes confinantes com o Ártico") de uma produção poética voltada para si própria, para a satisfação apenas dos próprios poetas (aquele 'que come a si', 'canibal'), numa clara referência aos "neoparnasianos". No entanto, o canibalismo do poeta samoieda traz uma satisfação apenas em nível fisiológico. Mesmo que fantasiosa e forjada, a literatura samoieda serviria para dar uma feição de grandeza, não só à sua produção poética, mas também a seus seguidores:

Os samoiedas, como vamos ver, contentam-se com as aparências literárias e a banal simulação de notoriedade, umas vezes por incapacidade de inteligência, em outras por instrução insuficiente ou viciada, quase sempre, porém, por falta de verdadeiro talento poético, de sinceridade, e necessidade, portanto, de disfarçar os defeitos com pelotiquices e passes de mágica intelectuais (...) Esses poetas, para dar uma origem altissonante e misteriosa à sua escola, sustentam que ela nasceu do poema de um príncipe samoieda, que viveu nas margens do Ártico (...) que se alimentava da carne de mamutes conservados há centenas de séculos nas geleiras (...) o príncipe chamava-se Tuque-Tuque Fit-Fit e o seu poema (...) o silêncio das renas no campo de gelo. Tudo isso era fantástico, mas graças à credulidade dos sábios do país só um desalmado tinha a coragem de contestar tais lendas. (*BZ*, 23).

⁵ BUARQUE DE HOLLANDA, Aurélio Buarque. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*.

O príncipe esquimó e sua literatura representam a extrema valorização dos elementos estrangeiros. Não apenas a literatura, mas tudo o que é “de fora” deve ser valorizado. Ao descrever o esquimó, o autor não quer classificar a beleza ou a raça em superior ou inferior, mas sim demonstrar que o estrangeiro, mesmo que a princípio não seja o melhor, só por ser “de fora” é sem dúvida de superior beleza e qualidade:

Em geral, os vates bruzundanguenses adeptos da tal escola samoieda como os senhores vêm, não primam pela ilustração; e, quando se conteste à beleza de tais esquimós, respondem categoricamente que a devem ter extraordinária, pois quanto mais fria é a região, mais belos são os tipos, mais altos, mais louros, e os samoiedas vivem em zona frigidíssima (BZ,24).

Há uma sublimação do elemento estrangeiro e da raça loira, na idéia de superioridade e beleza. Em contrapartida, fica clara a depreciação e o preconceito do elemento negro e do mestiço, no caso o mulato javanês, que não tinha acesso a nenhum tipo de cultura formal, quanto mais à produção de literatura. Só ao esquimó, ao homem branco, que na sátira se converte em um príncipe lindo e loiro, comparado aos deuses da Grécia, é legado o poder de fazer literatura, ainda que ela seja limitada, sem nenhum alcance universal:

Conheci um dos maiores, de mais encanto, de mais vibração, de mais estranheza, que apesar de ter publicado mais de dez volumes, morre abandonado num subúrbio da capital da Bruzundanga, bebendo sodka com tristes e humildes pessoas que nada entendiam de poesia; mas o amavam. Essa gente sublime da Bruzundanga dizia dele o seguinte: “É um javanês (equivalente ao nosso mulato aqui) e não sabe sânscrito. (...) Todo estímulo se vai e uma arte própria lá não se cria por falta de correspondência entre o herói artístico e a sua sociedade. (...) Não é ela que não tenha necessidade dessa atividade do espírito humano, tanto assim que os jornais da Bruzundanga vêm pejados de notícias, encômios, ditirambos às mediocridades mais ou menos louras do que as de lá (BZ,129).

À medida que realça esses índices de valorização pela cor e pela raça, a crônica barretiana critica a superficialidade ainda maior da literatura da época, que excluía do cânone literário as produções artísticas dos elementos mestiços. Ela denuncia que, até mesmo na literatura, a elite queria transmitir ao estrangeiro uma falsa idéia de nação branca.

O narrador não quer de modo algum ser amável com os poetas da bruzundanga, ridicularizando a sua literatura de qualidade limitada, principalmente por ser calcada em um mito, aparentemente sem nenhum fundamento de verdade. O cômico se realça quando o narrador descobre, após inúmeras pesquisas, que os poetas bruzundangueses haviam entrado em contato com a arte da poesia samoieda não por eles próprios, mas por meio de um discípulo basco, médico francês aventureiro chamado Chalat ou Chamat (nome que lembra a palavra ‘charlatão’), que não conseguia fazer poesia original. Por isso, ele resolve seguir as regras da poesia samoieda “que por demais monstruosas, sempre com um mesmo pensamento, denunciando uma concepção estreita da vida e do universo”, facilitava muito o ofício de escrever poesia, bastando paciência para seguir regras. Mesmo fazendo poesia pela poesia, esse francês ganhou tremenda notoriedade e discípulos.

Ao utilizar um personagem francês, o narrador realça a atitude literária dependente que o Brasil a princípio teve com Portugal e depois com a França, copiando sempre, sem ao menos pretender saber se as “novidades” francesas realmente se originavam no próprio país:

Os discípulos de Chalat ou Chamat tiraram da sua obra regras infalíveis para fazer poetas e poesias e um certo até publicou a teoria dos erros á arte poética.(...) Era pois essa poética e essa estética que dominavam entre os literatos da Bruzundanga: era assim como seu dogma de arte donde se originavam as suas fórmulas litúrgicas, o seu ritual, os seus esconjuros, enfim o seu culto á tal

harmonia imitativa, que tanto prezava Chalat. (...) havia outras divindades; o ritmo, o estilo, a nobreza das palavras, a aristocracia dos assuntos e dos personagens, quando faziam romances, contos ou drama e a medição dos versos (....) Ninguém, no entanto, podia sacar-lhe da cabeça uma concepção geral e larga de arte (...) todos os samoiedas limitavam-se quando se tratava dos tais assuntos, a falar muito de um modo confuso, esotericamente, em forma e fundo, com trejeitos de feiticeiros tribais (...) Não nego que houvesse entre eles alguns de valor, mas o preconceito da escola os matava (BZ,26).

Para Lima Barreto, a literatura deveria obrigatoriamente apresentar uma função e não, ao contrário da literatura samoieda, ter um fim nela própria, sustentada apenas por uma estética mais preocupada com os elementos composicionais do que com um tema delimitado. Fica evidente que a crítica se refere à poesia e aos poetas parnasianos, que, no caso brasileiro, privilegiaram os mesmos recursos dos poetas estéticos da escola samoieda. Porém, é necessário lembrar que o autor não generalizou sua opinião, embora reconhecesse que era muito difícil, naquele contexto, o escritor não se render às vantagens que a época trazia aos intelectuais de sucesso.

As críticas exageradas à estética formal, de linguagem empolada e recheada de regras, se devem à valorização que o autor sempre deu à linguagem popular, que se via desmerecida por esses intelectuais. Até então, eles usavam uma linguagem cheia de torneios e imagens, que se revelava estéril, e cuja importância, para o narrador de *Os Bruzundangas*, reside somente no fato de representar o poder. Mesmo no uso informal, essa língua da elite era muito diferente da linguagem brasileira e ainda conservava “a feição antiga de dous séculos ou três”. Prevalecia uma língua elitizada, ainda fruto da hegemonia imposta pelo domínio português. Adotada somente por intelectuais que viviam à sombra do poder, totalmente

distanciados do convívio com a maioria da sociedade brasileira, essa língua absorvia as influências das línguas do índio, dos negros e dos imigrantes⁶.

A obra barretiana sempre se preocupou com a exclusão da cultura popular brasileira da criação literária e com o seu rebaixamento ante uma linguagem padronizadora e elitista. Em quase todas as suas obras, o autor tenta, de alguma forma, resgatar uma valorização desse aspecto, seja na linguagem ou mesmo nos temas abordados. Assim, ele reforça a idéia de que a literatura deveria aproveitar as contribuições lingüísticas e tradições populares. Em *Os Bruzundangas*, o narrador anuncia essa preocupação nos comentários sobre a literatura oral e popular.

Mesmo não sendo considerado um escritor “moderno” no sentido cronológico, em *Os Bruzundangas* Lima Barreto questiona, mais precisamente e de modo mais literário que os seus contemporâneos, o problema da desestabilização dos conceitos estéticos e ideológicos de literatura. Porém, devido ao elitismo do cânone literário brasileiro, esses conceitos só ganharam status de negação e passaram a ser considerados a partir do manifesto Pau-Brasil, de Oswald de Andrade, moço rico e bem nascido.

Ao perceber a esterilidade como um fenômeno da literatura, Lima Barreto não descobria uma realidade extraordinária, pois a situação era por demais evidente. Sua importância reside em ter levantado todas as incoerências estéticas em relação a essa realidade na sua literatura e na crítica. Lima Barreto satiriza, critica e aponta verdades já conhecidas, fazendo o oposto da arte em vigor. Contudo, por ora, permanecia a inadequação e o ridículo dos fatos.

⁶ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto da poesia Pau-Brasil”, p. 327.

Na transição do século passado, o sentimento inicial do parnasianismo privilegiava o gosto pelo moderno, refletido em uma atitude geral de contestação. Esse sentimento que os levou a rejeitar o passado e adotar os ideais republicanos como matéria de poesia estagnou-se e não os deixou aproveitar os espaços externos da vida contemporânea, inclusive o sentido penetrante da rua e da multidão.

Por meio do cômico e do rebaixamento da estética literária auratizada pela sociedade intelectual, Lima Barreto convida o leitor a balizar a realidade da literatura com a própria realidade, no intento de libertar-se da extrema valorização do beletrismo e do academicismo. Soube usar a sátira, com sua característica principal, a agressividade, para tentar desestabilizar as regras instituídas e dogmatizadas pelo poder. Nota-se, como em toda sua obra, que a sua crítica empenha-se em realçar o efeito de comunicação e solidariedade que o autor deseja da literatura.

Ao dar o nome de *Os Bruzundangas* às crônicas que compõe, Lima Barreto torna clara, a partir do título (cujo significado é embrulhada, cozinhado malfeito, sujo ou repugnante, ou mistura imprestável), sua intenção crítica. O país fictício e a sociedade criada pelo escritor representam não só um retrato bem próximo do Brasil no início do século passado, como pode demonstrar a sua visão consciente em relação aos problemas que afligiam a realidade social, política e literária da época.

As crônicas de *Os Bruzundangas* procuram mostrar a embrulhada que, de certa forma, foi a Primeira República no Brasil, segundo a percepção do escritor. A mistura do antigo regime monárquico com o novo regime republicano resultou, para Lima Barreto, em um sistema imprestável e repugnante para a maioria da sociedade, devido aos conchavos políticos em favor da manutenção do poder da elite brasileira.

Porém, mesmo com sua acuidade crítica, o escritor não conseguiu perceber que a implantação da República no Brasil, apesar de suas contradições e arbitrariedades, se consubstanciou num avanço para o desenvolvimento do país. Lima Barreto não se deu conta de que essa mudança anunciava a inserção do Brasil na modernidade, na medida que trazia um desenvolvimento técnico, científico e cultural admirável para um país colonizado e recém-independente. Ainda assim, o escritor inovou no campo literário, ao introduzir um modo crítico que apreendeu melhor a realidade da sociedade do Rio de Janeiro e do Brasil, fato que também pode ser observado em suas crônicas.

Ao unir o senso crítico a um sentimento de humanidade, abriu caminho para a literatura de feição moderna, tanto na forma quanto na amplitude do universo temático que abordou. O excessivo teor de protesto encontra-se em grande parte dos textos, sempre em favor de uma pretensa luta pelo bem coletivo. Prejudicando um encaminhamento literário mais elaborado da realidade, comprometendo, desta forma, a especificidade artística em favor do compromisso ideológico, pois

a arte é uma instituição social, mas a grande obra sempre tem algo que se recusa a ser reduzido a instituto e estatuto social. Ela não é confortável, nem fácil, mas desenvolve a consciência. Elabora contradições da existência, mas não promete outra redenção que não o refúgio de seu espaço⁷

Apesar dessa evidente limitação estética em *Os Bruzundangas*, sua extrema preocupação em desenvolver uma linguagem adequada à compreensão dos leitores de uma maior camada da sociedade, resultou, involuntariamente, em uma literatura que atendeu mais

⁷ KOTHE, Flávio R. *O cânone colonial*, p. 36.

de perto ao que seria a alma e o corpo da modernidade literária brasileira: uma linguagem mais acessível (pelo menos ao leitor médio, que era seu maior alvo), livre quase por completo das convenções estéticas que vigoravam na época.

Por ter estado mais atento ao aspecto material da modernidade, às transformações da sociedade e da cidade com o progresso. Pode-se notar uma percepção diferenciada e vanguardista em relação às transformações desencadeadas pelo processo modernizador na sociedade. Isso influenciou de modo decisivo na literatura, que, já pelo desgaste de fórmulas e convenções estéticas no Brasil da época, exigia formas inovadoras de expressão. Ao conjugar a sátira e a crônica, ele descobriu um meio de alcançar aquele que, além do artístico, era seu objetivo primeiro: a denúncia social.